

A EDITORA AGIR E A PRÁTICA DE PUBLICAR COLEÇÕES: A INTELLECTUALIDADE CATÓLICA NA PRODUÇÃO E DIFUSÃO DE IMPRESSOS PEDAGÓGICOS

Joana Gondim Garcia Skrusinski¹
Evelyn de Almeida Orlando²

RESUMO

O aprendizado adquirido a partir da utilização dos impressos pedagógicos nos coloca em sintonia com a importância dada ao conteúdo, levando o indivíduo a uma forma de educar-se a partir do manuseio desse objeto em que a autoridade imposta por ele diz muito sobre as práticas coletivas, assumindo uma multidimensionalidade do discurso e possibilitando a identificação de determinados grupos. Este trabalho por sua vez, analisa o uso que os intelectuais católicos fizeram dos impressos pedagógicos e como demarcaram um espaço no campo editorial como estratégia de disputa pelo controle do campo pedagógico. A partir do olhar para uma editora católica, a Editora Agir, atentamos para a prática de publicar coleções como uma forma de circulação ampla que promovia determinados projetos políticos e educacionais utilizando as coleções como ferramentas de propagação do conhecimento. Como base teórica, utilizou-se dos estudos de Chartier (2002) que trabalha com o conceito de livro e as relações de poder que são estabelecidas através de sua impressão. Para ele, o livro carrega em si a construção específica de uma memória e de um período; por esse motivo, foi objeto de grandes poderes, tanto desejados quanto temidos. As diferentes formas de circulação de impressos católicos podem ser entendidas como uma forma de difundir um conjunto de saberes a um público diverso e, por isso, foram largamente utilizados no Brasil por diferentes grupos intelectuais, na propagação de determinados modelos pedagógicos e de um *corpus* de saberes autorizado e endereçado à sociedade, projetando uma organização familiar a partir dos livros. As discussões em torno desse objeto, identificou as tensões fundamentais que a história, assim como as práticas científicas produtoras de conhecimento dão visibilidade em diferentes lugares sociais, percebendo que a história é um lugar de discurso, construção e composições narrativas que produzem um enunciado científico. Nesse caso especificamente, a rede de intelectuais católicos, utilizou-se da produção e difusão das ferramentas impressas para propagação de saberes e táticas em conformação com uma pauta educacional voltada para as famílias, na busca da demarcação de um lugar próprio e de referência para si no campo intelectual.

Palavras - chave: Editora Agir. Impressos Católicos. Intelectuais. Mercado Editorial.

¹ Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e doutoranda pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: joana.gondim.garcia@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCPR. Doutora em Educação pela UERJ. E-mail: evelynorlando@gmail.com

Introdução

Este trabalho analisa o uso que os intelectuais católicos fizeram dos impressos pedagógicos e como demarcaram um espaço no campo editorial como estratégia de disputa pelo controle do campo pedagógico. A partir do olhar para uma editora católica, a Editora Agir, atentamos para a prática de publicar coleções como uma forma de circulação ampla que promovia determinados projetos políticos e educacionais.

Fundada no ano de 1944 por Alceu Amoroso Lima³, responsável pela “orientação intelectual” (RODRIGUES, 2005, p. 114) e Guilherme Guinle⁴ presidente, a Editora AGIR demarcou um espaço para a intelectualidade católica no mercado editorial brasileiro, possibilitando de forma estratégica um forte impulso na difusão do pensamento educacional católico, pela promoção de um quadro de intelectuais que utilizando-se de autores que professassem a fé católica, buscavam difundir conhecimentos religiosos a partir das publicações de “cunho genuinamente cristão em todas as áreas do conhecimento” (JORNAL DO DIA, 1964, p. 4).

Reconhecida no campo editorial, a Editora Agir tinha catálogos variados e alguns clássicos como Ivanhoé e contos de Edgar Allan Poe. Estabelecia uma ligação com uma rede⁵ de escritores nacionais e internacionais; membros da igreja, padres, empresários e educadores afirmavam-se no campo⁶ nacional através de alianças realizadas junto ao projeto de romanização que ocorria no Brasil. No entanto, sem fugir de seu foco religioso, promovia a partir da literatura secular, uma formação intelectual e moral da juventude e das famílias em lições exemplares que contribuíam para uma sociedade patriótica cujos valores estavam alinhados aos princípios católicos. Seu foco

³ Alceu Amoroso Lima atuou em diversas frentes católicas brasileiras representando o Concílio Vaticano II, foi um dos fundadores do Movimento Democrata Cristão no Brasil (RODRIGUES, 2005), publicou diversos livros e a revista A Ordem.

⁴ Guilherme Guinle foi um dos homens mais influentes do Brasil até os anos de 1960, engenheiro, fundou a Companhia Docas Santos. Na década de 1930, realizou investimentos em áreas petrolíferas no Brasil. Teve participações em movimentos de esquerda e contribuições financeiras na Aliança Nacional Libertadora.

⁵ Sirinelli trabalha com o conceito de rede como um conjunto organizado em torno de interesses aproximados que “fundam uma vontade de conviver” (2003, p. 248) em busca de um interesse central para fortalecimento no campo.

⁶ O conceito de campo trabalhado por Bourdieu (1996) se estabelece dentro dos espaços sociais e se evidencia nas relações de força estabelecidas entre seus pares. Os entraves determinam as posições ocupadas nos campos, as quais colaboram para seus enfrentamentos, podendo ser determinados por maior ou menor força, em função do posicionamento do sujeito no campo ou da rede que o sujeito pertença.

principal estava voltado aos interesses religiosos, na arte, educação e literatura brasileira, tudo em busca da formação de um caráter cristão.

Podemos dizer que a crise pela qual passava a sociedade brasileira – destacada por D. Leme em 1916 por conta de um suposto “afastamento de Deus” – fez com que a Igreja Católica se reinventasse e elaborasse estratégias para investir na formação de uma elite, capaz de influir sobre a sociedade, na política e na educação de forma decisiva. Desde então, a preocupação com a formação de uma intelectualidade católica era de extrema relevância para a formação de uma elite reconhecida socialmente para divulgar a doutrina católica e formar gerações mais novas que representassem o livre trânsito da Igreja em diferentes espaços, de modo a assegurar a defesa de seus interesses e projetos alinhados a uma visão de mundo cristão. Assim, a entrada no mercado editorial e a utilização dos impressos colaboraram para que esses intelectuais se posicionassem politicamente através de propostas educativas em favor da família, da pátria e da fé católica.

As diferentes formas de circulação dos impressos católicos influenciavam e difundiam um conjunto de saberes pedagógicos determinados, talvez, por isso foram largamente utilizados no Brasil por diferentes grupos intelectuais na difusão de modelos pedagógicos e de um corpus de saber autorizado e endereçado à sociedade. Por vezes, o impresso católico demonstrava a força e o privilégio dessas ferramentas na luta organizada pelos intelectuais e o poder de, por meio da palavra impressa, instaurar uma voz autorizada em determinados debates.

Bourdieu afirma que o intelectual por sua vez é possuidor de um poder simbólico e, por meio desse poder, procura agir por sua própria escrita sobre o campo. Possuem ações características voltadas a criar possibilidades e abertura, “por sua proximidade no espaço das relações sociais e também graças às disposições e interesses associados a essas posições – a se reconhecerem mutuamente e a se reconhecerem em um mesmo projeto (político outro)” (BOURDIEU, 1996, p. 51). Nesse sentido, nos chama a atenção a presença de Alceu Amoroso Lima em diferentes contextos de produção e o uso do impresso como estratégia de formação e orientação intelectual e religiosa.

Desde 1928, a frente da direção da Revista A Ordem, após a morte de Jackson de Figueiredo, Alceu reuniu um grupo de intelectuais que se posicionou e buscou fortemente uma reviravolta social, política e de renovação no campo da fé e do poder,

constituindo uma rede de sociabilidade que ampliou e fez espriar na sociedade civil o pensamento da Igreja. Cabe destacar a participação desse personagem como sendo ímpar na produção de impressos católicos em diferentes momentos: nos anos de 1920 e 1930, à frente da revista *A Ordem*, e entre os anos 1940 e 1960, à frente da Editora Agir. Em que pesem as diferenças de cada contexto, as propostas estabelecidas pela Editora Agir, sob a liderança e a orientação intelectual de Alceu, consistiam em difundir um pensamento de reordenação no país dentro da perspectiva religiosa para a promoção das mudanças sociais pelo caráter moralista, mas desta vez pela via dos livros.

No entanto, vale ressaltar, que a Editora Agir foi fundada em um momento político bem diferente dos anos de 1920 quando Alceu assumiu a Revista *A Ordem*. Naquele momento, a Igreja estava afastada oficialmente do Estado e encontrava forte oposição a uma reaproximação; neste, por meio de seu quadro intelectual, atuava como principal conselheira do Estado, devido à aliança tácita estabelecida desde a instauração do governo Vargas. Alceu se fazia presente em diferentes postos do governo, pessoalmente ou pela indicação de outros intelectuais católicos.

Conduzir uma reflexão em torno da utilização de materiais impressos como ferramentas difusoras do pensamento católico passa por atentar para a figura do intelectual como agente de produção e mediação cultural, que mobiliza os livros como suportes de veiculação de um pensamento. Olhar para a complexidade de estratégias editoriais, como a publicação de coleções, permite compreender a organização não apenas dos saberes ali veiculados, mas também dos quadros intelectuais envolvidos em sua produção e suas pautas em diferentes tempos. Além disso, o trabalho com materiais impressos sempre remete à utilização de novas práticas, como por exemplo, a edição de coleções. Vale lembrar que “as coleções são uma maneira de tornar um produto que já está no mercado – o livro – atrair novos consumidores para novas formas de uso dele” (TOLEDO, 2001, p. 1). A coleção ganha novos formatos a partir do público ao qual se dirige, visando à ampliação do mercado e de seu público leitor. Para isso, contrata-se um especialista para a preparação de determinados materiais como foco de interesse específico, utiliza-se da padronização desses materiais para que os preços baixem e o público cresça, alcançando um número maior de leitores. As estratégias de utilização das coleções para atingir outros públicos foram encaminhamentos bastante executados pela Editora Agir, uma iniciativa encontrada anteriormente nas ações de Monteiro

Lobato⁷. Várias coleções faziam parte do catálogo da editora e atingiam diferentes públicos. Destacamos algumas delas: *Coleção Família*, *Coleção Juventude*, *Coleção Nossos Clássicos*, *Coleção Forma Gregis*, *Coleção Mestres Espirituais*, *Coleção Temas Atuais*⁸, *Coleção O velho Lessa*⁹, *Coleção IEPS*¹⁰, *Coleção Contos Diversos e os volumes diversificados*¹¹.

O compromisso em selecionar obras que atendessem ao interesse do público “católico”, demonstra a compreensão das representações sociais e as relações que se estabeleciam através da circulação dessas obras, colaborando para a formação de um discurso em torno de uma rede na qual eram traçadas possibilidades e estabeleciam relações para que determinadas práticas pudessem entrar em circulação. Chartier (2002) expõe a produção e classificação de uma obra como não sendo em nada livre de neutralidade, mas, sim, impositiva. Para ele, somente através da exposição de uma obra pode ser possível compreender o trabalho real para se entender as diferentes possibilidades de leitura diante dessa prática discursiva. Dessa forma, cabe entender as estratégias de seleção desse material dentro de um determinado recorte temporal, utilizando-se do apoio imprescindível dos estudos sobre os impressos para mapear as práticas culturais ali representadas.

Todas as estratégias introduzidas na elaboração e impressão das coleções provocavam uma ascensão ao autor e, em outros momentos, davam visibilidade aos temas ali tratados e à própria coleção. Esses dispositivos utilizados pelas editoras buscavam ampliar a circulação dos livros e estabeleciam novas práticas culturais que, segundo Chartier estavam ancoradas em práticas culturais que traziam significações presentes nas relações de uma determinada cultura, específica de um tempo. Estimulado pelo período carregado de transformações sociais, a incorporação de modelos estrangeiros movimentava parte da sociedade, e a inserção de autores

⁷ Toledo (2001), em sua tese, discute as estratégias impostas pelo uso das coleções nas práticas culturais utilizadas por Lobato para inserção e promoção do livro e da leitura no país, que, por sua vez, apresentava-se em sua grande maioria por analfabetos.

⁸ Jornal do Brasil, 14 de março de 1965, Caderno B, p. 6.

⁹ Diário de Notícias, 29 de outubro de 1963, p. 2.

¹⁰ Introdução e Análise Econômica (Diário de Notícias, 2 de fevereiro de 1969, p. 16).

¹¹ Diário de Notícias, 2 de fevereiro de 1969, p. 16.

estrangeiros funcionava como estratégia para o consumo de livros, já que tudo o que era francês os brasileiros consideravam moderno (HALLEWELL, 1985, p. 126).

A presença de autores como Pe. J. M. Buck, M. A. Genovois, Dr. François Goust, Gaston Berge, H. Müller – Eckhard, Dr. F. E. Brandão von Gagern, Pierre Maurice e André Berge, este com o maior número de publicações na Coleção Família é indicativo dessa estratégia utilizada pela Editora Agir. Além disso, a participação de autores médicos ou especialistas em psicologia, nos revela um reflexo da importância atribuída à qualidade técnica dos autores.

A Editora Agir mobilizou autores brasileiros, americanos e principalmente franceses, com principal foco de interesse na religião, arte, educação, literatura brasileira, tudo em busca da formação de um caráter cristão. Também investiu fortemente em coleções, acompanhando uma forte tendência do mercado editorial da época. Segundo Hallewell (1985, p. 408), primeiro título publicado foi de Gustavo Corção, *A descoberta do outro*, uma autobiografia espiritual que produziu, segundo ele, um grande impacto em seus leitores.

Em um trecho extraído do jornal *Diário de Notícias* de 1947, há uma nota a respeito da editora e sua contribuição para a cultura cristã no Brasil:

A editora Agir está prestando um serviço especial ao desenvolvimento da cultura espiritualista e cristã, no Brasil, com o lançamento de já um bom número de obras de grande saber e resultantes de profunda meditação. (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1947, p. 2).

Segundo o jornal, a editora prestava um serviço que privilegiava a cultura cristã no Brasil na difusão de seus livros. Sua consolidação no campo católico, no entanto, afirmou-se através de diferentes vertentes. Além das coleções, os romances e as obras de teatro estavam imbuídas de conteúdos espirituais.

O compromisso em selecionar obras que atendessem ao interesse do público “católico”, demonstra a compreensão das representações sociais e as relações que se estabeleciam através da circulação dessas obras, colaborando para a formação de um discurso em torno de uma rede na qual eram traçadas possibilidades e estabeleciam relações para que determinadas práticas pudessem entrar em circulação. Chartier (2002) expõe a produção e classificação de uma obra como não sendo em nada livre de

neutralidade, mas, sim, impositiva. Para ele, somente através dessa exposição é possível compreender o trabalho real para se entender as diferentes possibilidades de leitura diante dessa prática discursiva.

É necessário, segundo Toledo (2001), chamar a atenção para o lugar institucional do autor, entendendo o uso das coleções para impressão de seus textos como um lugar de destaque e cheio de significados. Dessa forma, cabe entender as estratégias de seleção desse material dentro de um determinado recorte temporal, utilizando-se do apoio imprescindível dos estudos sobre os impressos para mapear as práticas culturais ali representadas.

A coleção, neste sentido, transforma-se em uma espécie de fábrica dos novos autores: faz o público conhecer as novidades; educando o gosto do público para elas; afirma, assim, os novos nomes. Mas a coleção também utiliza habitualmente da relação autor renomado e autor ainda sem projeção. (TOLEDO, 2001, p. 28).

Entender os impressos como objetos estratégicos de interesses requer buscar seus mais profundos objetivos e projetos editoriais, por vezes obscuros, dentro de suas produções para serem entendidos como objetos de manipulação, compreendendo que “os impressos têm a função de ‘despertar as consciências’ e ‘modelá-las’ conforme seus valores e interesses, procurando indicar uma direção ao comportamento político do público leitor” (CAPELATO; PRADO, 1980, p. 23). Em outros momentos, os interesses estimulados pelo lucro ditam o caminho editorial e

[...] negociam um produto muito especial, capaz de formar opiniões, (de) estimular comportamentos, atitudes e ações políticas. [...] não se limitam a apresentar o que aconteceu, mas selecionam, ordenam, estruturam e narram, de uma determinada forma, aquilo que elegem como fato digno de chegar até o público. (LUCA; MARTINS, 2006, p. 11).

Assim, o investimento de capital próprio no mercado impresso era característico do século XX que, influenciado pelo mercado francês, revelando a imposição de um mercado elitizado, cujas coleções chegavam como uma alternativa barata para a circulação de novos projetos, “tornando-se veículos dos códigos da cultura letrada os escritores experimentam novas formas de produção e práticas de escrita” (TOLEDO, 2001, p. 19-20).

O autor que mais publicou na Editora Agir e na *Coleção Família* foi o francês André Berge. Alguns de seus livros foram vendidos, de acordo com o jornal da época, por Cr\$ 2.000¹², em uma segunda publicação no valor de NCr\$ 5,50¹³. *Os defeitos dos pais* aparece em outro jornal por Cr\$ 700.00¹⁴. Também encontramos variações de preço em relação a outras coleções publicadas pela editora, bem como destaca a matéria do jornal *Diário de Notícias*, em que um livro da *Coleção Nossos Clássicos* estava sendo vendido por NCr\$ 1,25¹⁵, o que demonstra uma certa valorização dada à *Coleção Família*.

A afirmação da editora e de seus autores no campo religioso era algo evidente e bastante claro em todas suas publicações. A Editora Agir apresentava a *Coleção Família* à sociedade, como um material de orientação moderna, com referências psicológicas atuais, porém sem se esquecer de trabalhar as dificuldades que a modernidade apresentava. O estudo de uma coleção endereçada às famílias brasileiras é indicativo de um projeto educacional pensado para esse público e dos modos como os intelectuais católicos se mobilizaram nessa direção.

Segundo Chartier (2001), a produção editorial é parecida com a caligrafia de uma pessoa, nela existem expressões literárias, valores culturais e ideológicos que construíram aspectos significativos de vida de uma determinada comunidade. Desse modo, pensar na produção editorial da Editora Agir na discussão de temas atuais para aquele período permite apreender, tal como esse autor sinaliza, as expressões literárias e valores ideológicos e culturais do campo católico a partir de suas publicações. Sua consolidação no campo editorial nacional é bastante aparente, porém a busca pelo entendimento do “projeto” empreendido através da *Coleção Família* permite-nos pensar no papel que esses livros desempenharam na circulação de modelos culturais.

A *Coleção Família*, composta por 24 livros¹⁶, permaneceu no mercado por volta de duas décadas com reedições e novos títulos. Como relatado anteriormente, a primeira

¹² *Jornal do Commercio*, 7 de novembro de 1965, p. 20.

¹³ *Diário de Notícias*, 29 de setembro de 1968, [s/p].

¹⁴ *O Jornal*, 22 de dezembro de 1963, p. 2.

¹⁵ *Diário de Notícias*, 29 de setembro de 1968, [s/p].

¹⁶ Para que pudéssemos levantar esse dado, utilizamos de pesquisas em jornais que circularam no período de 1940 até 1969 pelo site: <bdigital.bn.gov.br>, utilizando o termo: “coleção família” e

tradução, no ano de 1951, foi de autoria de André Berge, médico francês, que estudou filosofia e letras, colaborador da *École des Parents et Educateurs*¹⁷ e diretor do Centro Psicopedagógico Claude Bernard. André Berge escreveu várias vezes para a coleção, por esse motivo cabe ressaltar que o viés de sua escrita parece ser a base filosófica e científica para essa coleção, uma vez que vários autores da *Coleção Família* o citam como referência em suas obras. O interesse do autor em trabalhar a psicologia da criança e da adolescência é revelado na orelha de seu livro *Os defeitos dos pais* (1965), indicando seu lugar de fala. A orelha da referida obra não vem assinada, mas destaca que Berge colocava o conhecimento científico psicológico ao alcance de pais e educadores da época através do conhecimento empreendido nos livros a partir dos estudos de psicopedagogia.

Com relação ao público consumidor dos livros da *Coleção Família*, é importante destacar que, em uma outra orelha de um livro da coleção, é dado prioridade a um público em específico: “[...] dirigindo-se primeiramente aos pais e não aos educadores especializados”. (BERGE, 1968, orelha); na sequência, aos demais profissionais da educação. Dentro do levantamento dos títulos que fizeram parte da *Coleção Família*, observamos um endereçamento específico às “famílias”, o que não diminuía a circulação desses materiais entre outros profissionais, como os orientadores educacionais e professores. Entretanto, em um país com um alto índice de analfabetismo como o Brasil nesse período, somente indivíduos de grupos mais escolarizados tinham acesso à escola, o que pressupunha que esses pais pertenciam a um público leitor mais selecionado.

A periodicidade da coleção não era regular, assim como não havia uma sequência entre os títulos. Houve anos em que publicaram apenas um livro e outros em que foram três ou mais. As publicações de alguns livros foram encontradas nos jornais da época, colaborando para organizar as datas das edições, mas, em alguns desses títulos, não encontramos nenhuma especificação da data ou volume da publicação.

“Editora Agir”. Também, pesquisamos na biblioteca da PUCPR e na Biblioteca Pública do Paraná para confrontar algumas datas das publicações.

¹⁷ Escola de Pais e Educadores.

Com esses dados, organizamos o Quadro 1¹⁸ com todos os títulos que fizeram parte da coleção, respeitando suas edições e reedições, localizadas até o momento, A organização estabelecida nos títulos da *Coleção Família* não se baseou em suas primeiras publicações, mas, sim, na organização em volumes proposta pela editora entre os anos de 1958 e 1969. Somente o livro *Educar pela recreação*, de Maria Junqueira Schmidt, e *Adolescência, idade da aventura*, de Alceu Amoroso Lima, não se enquadram nessa ordem, pois foram publicações únicas, ambas do ano de 1958. Cada livro foi alocado seguindo uma especificidade dos volumes encontrados na terceira vez de publicação da coleção. Somente a partir dessa especificação é que conseguimos dar uma sequência organizacional para a coleção. Os três primeiros livros que deram início à coleção não foram numerados por ser uma publicação única, pois, na sequência das reedições, foram retirados da composição.

Quadro 1 – Título da *Coleção Família*

PUBLICAÇÕES DA COLEÇÃO FAMÍLIA				
VOL.	TÍTULO	AUTOR	ED.	ANO
-	Claro escuro	Gustavo Corção	1º 2º	1946 1958
-	Divorciada	Pierre Murice Ed. Nacional, inserido a Coleção (A Cigarra, RJ, maio de 1952, Ed. 0218, Ano 1952, p. 140)	1º	1952
-	Celebrando em família o natal e a páscoa	s/d	1º	1960
1	Como educar pais e filhos?	André Berge	1º 2º 3º 4º 5º	1957 1958 1960 1965 1968
2	Educação sexual e afetiva	André Berge	1º 2º 3º	1951 1958 1968
3	A liberdade na educação	André Berge	1º 2º 3º 4º	1962 1964 1968 1974

¹⁸ Os quadros 1 e 2 pode ser encontrado na Dissertação de Mestrado realizada por Joana Gondim Garcia Skrusinski, intitulada ““Nós somos a história”: O projeto de educação para as famílias nas obras de Maria Junqueira Schmidt”.

ANPUH-Brasil – 30º SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Recife, 2019

4	Adolescência, idade da aventura	Alceu Amoroso Lima e colaboradores	1º	1958
5	Educar pela recreação	Maria Junqueira Schmidt	1º	1958
6	Os defeitos das crianças	André Berge	1º 2º 3º	1958 1960 1967
7	Pais desajustados filhos difíceis	Pe. J. M. Buck	1º 2º 3º	1959 1961 1966
8	O casamento no plano de Deus	M. A. Genevois	1º 2º 3º	1959 1962 1965
9	Virilidade, sexo e amor	Dr. François Goust	1º 2º 3º	1960 1964 1967
10	O colegial-problema	André Berge	1º 2º 3º	1960 1964 1968
11	Educar para a responsabilidade	Maria Junqueira Schmidt	1º 2º 3º 4º 5º 6º 7º	1961 1963 1964 1965 1967 1968 1974
12	Educadores em crise	Pe. J.M. Buck	1º 2º 3º	1961 1962 1965
13	Os defeitos dos pais ¹⁹	André Berge	1º 2º 3º	1963 1965 1971
14	Tratado prático da análise do caráter	Gaston Berger	1º 2º	1963 1965
15	O casamento no plano de Deus	M. A. Genovois O. P. ²⁰	1º 2º	- 1963
16	A família por dentro	Maria Junqueira Schmidt	1º 2º	1965 1967
17	Sugestões aos pais e educadores	André Berge	1º 2º	1966 1968
18	Deus em casa	Maria Junqueira Schmidt	1º	1967
19	Autoconsciência e transformação	Dr. F. E. Brandão Von Gagern (Jornal do Brasil RJ, 21 de outubro de 1967, Ed. 00171 (1), p. 14)	s/d	1967
20	A criança, essa incompreendida	H. Müller – Eckhard	s/d	1968
21	A doença da virtude	André Berge	1º	1969

Fonte: levantamento realizado pela pesquisadora Joana Gondim Garcia Skrusinski em outubro de 2017.

¹⁹ Único livro da coleção que traz figuras.

²⁰ O Jornal RJ publicou o nome do autor como destacado acima, porém não conseguimos encontrar o nome do autor na íntegra, então optamos em mantê-lo como traz a fonte. (O JORNAL, 1962, p. 2).

Analisando o conjunto de livros da *Coleção Família*, chamamos a atenção para os intervalos de tempo a cada publicação. O primeiro livro foi publicado no ano de 1946, *Claro escuro*, de Gustavo Corção. Na década de cinquenta, as publicações da coleção aumentaram e alguns títulos parecem ter sido considerados mais significativos devido à reedição, alguns mais de uma: *Educação sexual e afetiva*, de André Berge (1951); *Divorciada*, de Pierre Murice (1952); *Como educar pais e filhos?*, de André Berge (1957); a década de cinquenta também abriu espaço para a inserção de autores nacionais na coleção. Maria Junqueira Schmidt, única mulher a alcançar espaço na coleção, lançou o título *Educar pela recreação* (1958) e Alceu Amoroso Lima publicou *Adolescência, idade de aventura* (1958). Nesse mesmo ano, a editora reedita seus três primeiros títulos, com exceção da *Divorciada*, e insere mais um título de André Berge, *Os defeitos das crianças*. No ano de 1959, outra publicação de André Berge complementa a coleção, *Pais desajustados, filhos difíceis* e o *Casamento no plano de Deus*, escrito por Genevois, única publicação do autor pela editora. Nos anos 1960, o aumento de publicações e reedições acende a *Coleção Família*.

Em 1971, a editora publica novamente o livro *Os defeitos dos pais*; e faz a reedição dos livros *A liberdade na educação* e *Educar para a responsabilidade* em 1974. Neste ano não encontramos mais dados de novos livros que complementassem a coleção. A partir desse período, a produtividade da Editora Agir mostrou-se em queda, o que nos levou a investigar os motivos do decréscimo no número de publicações da *Coleção Família* nesse período.

Segundo Hallewell (1985), o desenvolvimento da indústria editorial no Brasil é reflexo, em parte, de um consumo ávido de livros de editoras americanas, principalmente na década de 1960, quando a *Coleção Família* traz parte significativa de suas publicações. Para ele, outro dado importante pode ter refletido negativamente, o que chama de “crescimento de outro tipo de ‘coleção’”.

[...] livros formados a partir da reunião de diversos trechos, ou obras curtas, - especialmente visados eram os contos, - sem qualquer autorização do detentor dos direitos autorais, com o engenhoso argumento de que o Artigo

666²¹, parágrafo primeiro, do Código Civil permitia a um autor incorporar partes de obras já publicadas a seu próprio texto, desde que fosse de natureza científica ou tivesse propósito *literário*, didático ou religioso – assim chamada de cláusula da “reprodução lícita”. [...]. O enorme prejuízo que esse lamentável costume acarreta à indústria e ao comércio de livros é incalculável, indo muito além da questão da infração aos direitos autorais. Já é bastante mau que também reduza significativamente o mercado para os livros em questão (HALLEWELL, 1985, p. 440-441).

Parte dessa reflexão apresentada pelo autor pode justificar a queda da produtividade da Editora Agir no final desse período, assim como o ocorrido em outras editoras no mesmo espaço de tempo. O número significativo de obras que faziam parte do catálogo da Agir a colocou em uma posição de destaque entre as editoras brasileiras, chegando ao número de 60 obras (HALLEWEL, 1985, p. 447) publicadas somente no ano de 1964. Seus exemplares eram compostos em grande parte por traduções do francês e aberturas ao mercado autoral brasileiro, com participações como a de Gustavo Corção, Alceu Amoroso Lima e Maria Junqueira Schmidt que traziam relevo às publicações. Porém, a editora buscou no mercado estrangeiro mecanismos convidativos para o público nacional a partir da variedade de traduções que abrangiam áreas da psicologia, educação, economia, teatro, religião e temas modernos.

O total de exemplares publicados pela Editora Agir não foram encontrados, mas os valores das vendas de alguns livros foram levantados em alguns periódicos e são bastante significativos para estabelecer um parâmetro entre as diversas coleções vendidas pela editora.

Quadro 2 – Tabela de preço de alguns livros das coleções da Editora Agir

VALOR DE LIVROS DE DIFERENTES COLEÇÕES PUBLICADAS PELA EDITORA AGIR		
TÍTULO	COLEÇÃO	VALOR
Os defeitos dos pais	Família	Cr\$ 700.00
Autoconsciência e transformação	Família	NCr\$ 5,00 ²²
Como educar pais e filhos?	Família	Cr\$ 2.000 ²³

²¹ Essa lei previa o pagamento de 5% para os autores como garantia de fidelidade de seu texto, o chamado domínio público, que seriam pagos ao “Fundo de Direito Autoral” (HALLEWELL, 1985, p. 442).

²² Jornal do Brasil (RJ), 21 de outubro de 1967, p. 14.

²³ O Jornal do Commercio (RJ), 7 de novembro de 1965, p. 20.

		NCr\$ 5,50 ²⁴
Educação sexual e afetiva	Família	NCr\$ 6,00 ²⁵
Sugestão aos pais e educadores	Família	NCr\$ 5,00 ²⁶
Yerma	Teatro Moderno	Cr\$ 500.00 ²⁷
Fernão Lopes – Crônicas	Nossos Clássicos	NCr\$ 1,25 ²⁸
Manual prático de ortografia	Diversos	NCr\$ 3,00 ²⁹
Humanismo soviético. Mito ou realidade?	Diversos	NCr\$ 12,00 ³⁰
Hamlet	Diversos	NCr\$ 8,00 ³¹
Viva Feliz no Campo - Manual do clube de mulheres no campo	Diversos	NCr\$ 4,00 ³²

Fonte: levantamento realizado pela pesquisadora Joana Gondim Garcia Skrusinski em outubro de 2017.

Para Martins e Luca (2015), as modificações em todo o corpo do material impresso apresentaram inovações importantes, mas acabou por atingir o seu conteúdo e também seu valor por conta da diversidade de especializações nesse setor. O engajamento da imprensa ao valor burguês, tinha por finalidade o retorno dos investimentos para efetivação de seus objetivos políticos-educacionais, atuando como elo entre “*Estado e a sociedade civil*” (MARTINS; LUCA, 2006, p. 112). Esse movimento empreendia valores e maior qualidade aos livros, transformando o *design* das capas que anteriormente eram trazidos com padrões acinzentados – é o que observamos nas primeiras publicações da *Coleção Família* – para então se chegar as capas com cores vibrantes como as encontradas na terceira fase de publicações da coleção. O que pode ser percebido, foi uma coleção publicada em dois formatos: brochura e capa dura.

As mudanças nos projetos tipográficos da *Coleção Família* demonstram essa busca por mecanismos mais modernos que chamassem a atenção do público a partir de

²⁴ Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

²⁵ Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

²⁶ Jornal do Brasil (RJ), 8 de dezembro de 1965, p. 8.

²⁷ O Jornal (RJ), 1 de dezembro de 1963, p. 4.

²⁸ Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

²⁹ Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

³⁰ Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

³¹ Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

³² Diário de Notícias (RJ), 29 de setembro de 1968, [s/p].

seu formato, cores e qualidade de impressão. Para Hallewell (1985, p. 454), “o projeto tipográfico finalmente atualizou-se segundo o melhor costume moderno da época”, tornando-se objeto de construção artístico atraente.

No período de 1955 a 1962, o crescimento no campo editorial proporcionou, segundo Hallewell (1985), um desenvolvimento importantíssimo na produção de livros que vinha aumentando devido à alta taxa nos custos de impressão no ano de 1958, chegando em 30%, o que inibiu o crescimento. Nesse período, Kubitschek (1956-1961) governava o Brasil e propôs segundo o slogan adotado, o progresso de cinquenta anos em cinco a partir de uma proposta política desenvolvimentista.

Como destacado no Gráfico 1, as publicações e reedições dos livros que compuseram a *Coleção Família* tiveram variações crescentes e decrescentes durante os anos de 1946 a 1974, período em que encontramos o primeiro e o último livro da coleção. Durante o período analisado nesse estudo, entre os anos de 1960 e o ano de 1969, ocorreu o auge das publicações e reedições da coleção. Esse período foi marcado por grandes investimentos no setor, diferentemente da década seguinte, que se destaca pela queda na produtividade, levando ao encerramento das publicações no ano de 1974. Muitos desses problemas ocorreram em âmbito nacional e se deram, segundo Hallewell (1985), pela negligência do editor brasileiro, revelando que parte do problema das editoras nacionais terem fechado foi pelo fato de não possuírem uma organização orçamentária, além da crise econômica pela qual passava o país.

O momento político também pode contribuir para entendermos esse declínio. No início dos 1960, muitos líderes da Igreja Católica e setores mais conservadores da sociedade civil apoiaram o golpe militar de 1964, contudo, não foi o caso de Alceu Amoroso Lima, que se posicionou contundentemente contrário ao golpe. A consolidação do regime pode ter cerceado as iniciativas de Alceu e o seu livre trânsito em espaços privilegiados da sociedade brasileira, o que pode ter impactado em seu trabalho na Editora Agir. Infelizmente, aqui transitamos no campo das hipóteses, já que não foi possível levantar dados que pudessem nos esclarecer essa parte da história³³.

Considerações finais

³³ Sobre Alceu Amoroso Lima e o golpe militar de 1964. Cf. Sydow, 2007.

A reflexão em torno de uma editora católica e da utilização dos impressos como ferramentas difusoras do pensamento desse grupo passa por atentar para a figura do intelectual como agente de mobilização dessas ferramentas, destacando a complexidade de estratégias em busca da compreensão da organização não apenas dos saberes ali veiculado, mas dos envolvidos em sua produção. Suas produções discursivas e práticas sociais tornam-se uma possível construção discursiva articulada ao mundo social.

Assim, entendemos que as propostas estabelecidas pela Editora Agir, consistiam em difundir um pensamento de reordenação no país dentro da perspectiva religiosa para a promoção das mudanças sociais pelo caráter moralista, pela via dos livros. As diferentes formas de produção e circulação de impressos católicos podem ser entendidas como forma de difundir um conjunto de saberes a um público diverso e, por isso, foram largamente utilizados no Brasil por diferentes grupos intelectuais na difusão de modelos pedagógicos e de um *corpus* de saberes autorizado e endereçado à sociedade.

As coleções da Editora Agir tiveram um acento especial nesse quadro de produção editorial. Ao mesmo tempo que objetivavam ampliar o público leitor, serviram para organizar um *corpus* de saberes autorizados, legitimados por autores reconhecidos do campo intelectual brasileiro e do exterior e reforçaram redes de sociabilidade intelectual e projetos em comum para além das fronteiras nacionais, como por exemplo, a educação das famílias.

Referências bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. Razões Práticas: sobre a teoria da ação. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas: Papyrus, 1996.

CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. Tradução George Schlesinger. São Paulo: Unesp, 2014.

_____. À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

HALLEWELL, Laurence. O livro no Brasil (sua história). Tradução de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: EDUSP, 1985.

SKRUSINSKI, Joana Gondim Garcia. “Nós somos a história”: O projeto de educação das famílias nas obras de Maria Junqueira Schmidt. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, Paraná, 2018.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

RODRIGUES, Cândido Moreira. A ordem: uma revista de intelectuais católicos (1934-1945). Belo Horizonte: Autêntica/ Fapesp, 2005.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, R. (Org.) Por uma História política. Rio de Janeiro: UFRJ; Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 231-269.

TOLEDO, Maria Rita. Coleção Atualidades Pedagógicas: do projeto político ao projeto editorial (1931-1981). 2001. Tese (Doutorado em Educação) – História e Filosofia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

Fontes documentais

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 29 de outubro de 1963, p. 2.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 2 de fevereiro de 1969, p. 16.

CORREIO DO AMANHÃ, 15 DE JULHO DE 1960, [s/p].

JORNAL DO BRASIL, 14 de março de 1965, Caderno B, p. 6.

JORNAL DO DIA. Stante. 22 de setembro de 1964, p. 4.

JORNAL DO DIA. Walter Spalding, 1964, p. 4